

Preços que giram

• Os cálculos de que a inflação ficará em um dígito não se sustentam. Da mesma forma que o câmbio foi usado para disciplinar todos os preços, sua disparada agora pode ter o efeito igualmente vasto e no sentido contrário. O alumínio de Antonio Ermírio, o som de Eugênio Staub já subiram de preço, e o aço do Benjamin Steinbruch já vai aumentar. Não porque eles são impatrióticos. Mas porque vendem *commodities*, produtos cotados em dólar.

Eugênio Staub, da Gradiente, conta que 80% dos insumos da indústria de eletrônicos são importados. Portanto os preços dos eletrônicos já subiram.

O alumínio da Votorantim já subiu, como aliás de todos os produtores brasileiros. Mas o cimento, ainda não, segundo explicou Antonio Ermírio. A explicação para isto pode estar no fato de que cimento é um produto muito mais difícil de exportar.

Antonio Ermírio conta que os produtores de alumínio têm sofrido com a crise da Ásia pela queda dos preços internacionais. Agora, os produtores brasileiros vão rapidamente recuperar seus ganhos.

— Estávamos vendendo com prejuízo. O alumínio caiu 30% no mercado internacional — diz Ermírio.

A indústria de embalagens brasileira consome 30% de insumos importados. E compra aqui os 70% restantes em produtos como papel, plástico e alumínio.

— Não adianta nos pedir patriotismo. Nossos insumos ficaram mais caros e os produtos que compramos internamente também estão subindo porque são *commodities* — disse Sérgio Habersfeld da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens.

O que pode conter este movimento é a recessão. O engenheiro Nazelli, da Fiat, contou que a indústria perdeu três dias de produção em maio.

O problema é que a economia brasileira permanece muito cartelizada. O produto importado era o disciplinador dos preços. Quando ele fica mais caro, imediatamente os empresários nacionais têm espaço para elevar seus preços, sem perder mercado.

— Nossas margens estavam muito achatadas por causa da competição do importado. A tendência agora é recuperar as margens — diz Habersfeld.

A indústria têxtil já comunicou às confecções que aumentou em 15% seus preços.

— O que podemos fazer? Não aceitar o aumento e importar? — pergunta-se Isabel Gros, empresária do setor de confecção.

Só com isto já se vê que a proposta feita pelo porta-voz Sérgio Amaral, de que se dê razão nacional aos frangos, não funciona e só consegue demonstrar um brutal desconhecimento de como funciona a economia após a abertura.

O primeiro grupo de produtos a sofrer o impacto é o dos comercializáveis. Assim os economistas se referem aos produtos importados e exportáveis e aos que têm cotação internacional.

O café é nacional. Mas como o produtor está recebendo mais reais pelos dólares conseguidos na exportação, os preços aqui dentro sobem.

O melhor cenário é que apenas os comercializáveis reajustem os preços. Mas não é isto que está ocorrendo neste momento na economia. Os reajustes estão se espalhando por

produtos que não são importados, não têm componentes importados, nem são exportáveis.

A política cambial anterior teve um extraordinário efeito de redução e policiamento dos preços. Evidentemente que a mudança teria mesmo o efeito igualmente forte e no sentido contrário.

Há ainda uma chance, cada vez mais estreita, de que este processo seja controlável. Não o será certamente pelas patéticas ameaças do Governo. A chance é a resistência dos consumidores, dos grandes clientes em relação aos seus fornecedores. Mas este tipo de movimento é mais factível, quanto menor for a desvalorização. Nos níveis em que chegou nos últimos dias, é altamente desorganizadora. É possível evitar que uma desvalorização de 20% não reacenda a espiral inflacionária no Brasil. Mas de 50% ou mais é muito difícil.

A lógica do frango comendo ração nacional também não nos salva por outra razão. O componente nacional dentro dos produtos foi barrado não por preconceito das empresas contra seus colegas nacionais. Mas porque eles forneciam produtos piores e mais caros. A desvalorização encarece o produto importado, e torna o nacional relativamente mais interessante. Resta ainda a questão da qualidade. Achar que quem saiu do mercado não vai respeitar os requisitos de qualidade vai voltar a fornecer equipamentos, insumos, e peças porque foi feita uma desvalorização, é um espantoso engano. Alguns produtores nacionais podem ganhar um temporário fôlego. Mas a questão permanece. Ou eles ficam competitivos, ou não vendem mais.

Os índices de inflação que registram preços de atacado subirão mais rápido e mais forte. Portanto, todos os índices IGP's da Fundação, em que metade ou mais são preços por atacado, devem registrar inflação duas vezes maior do que a captada por um índice puramente de preços ao consumidor, como é o da Fipe.

Eles começaram a subir, mas refletindo uma mudança sazonal de preços. Nos próximos meses é que se verá em quanto foram atingidos pela mudança do câmbio.

No Governo acredita-se que a inflação virá e irá embora. Será uma onda. Pode ser. Mas só se acontecer o melhor cenário. E ele vai ficando cada vez mais remoto estes dias.

A insegurança completa dos agentes econômicos, alimentada diariamente pelas cotações descontroladas do dólar, estão produzindo movimentos de defesa que podem levar a taxas de inflação cada vez maiores e religar os indexadores.

A indústria de embalagens está entregando produto com preço antigo e cláusula de reajuste em aberto, conta Habersfeld.

Quando o assunto é inflação, os calmos estão é mal informados.